

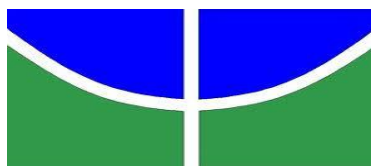


Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Curso de Graduação em Pedagogia

**Reflexão sobre a relação família escola na educação infantil numa
escola de Santa Maria**

Sâmyla Barbosa Barrozo

Brasília - DF
2015



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Curso de Graduação em Pedagogia

SÂMYLA BARBOSA BARROZO

**Reflexão sobre a relação família escola na educação infantil numa
escola de Santa Maria**

Monografia submetida à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, sob orientação da Prof^a Dr^a Sônia Marise Salles Carvalho.

Brasília – DF
2015

Monografia submetida ao corpo docente da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos para a obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Banca examinadora:

Orientadora

Prof^a. Sônia Marise Salles Carvalho

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. José Luiz Villar Mella (examinador)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha (examinador)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília – DF
2015

*Dedico este trabalho a Deus e
em especial a minha família...*

Elda, Divino, Abner e Heber.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pelo seu eterno amor e por está ao meu lado em todos os momentos.

A minha mãe linda Elda, meu pai bonzinho Divino e aos meus maninhos Abner e Heber pela paciência nos meus momento de tensão e por terem acreditado em mim.

A minha amiga Eliúde que me acordava todos os dias com uma palavra de ânimo, que me ajudou muito a não desistir.

A minha amiga Erika muito obrigada por cada palavra de incentivo.

Minhas amigas de todos os momentos felizes ou tristes que passava na UnB: Tays Miranda, Luana Freire, Paula Oliveira, Valéria Leal, Patrícia Nogueira, Sabrina Sobral, Vivia Lira e Luana Cristina, meninas foram anos incríveis.

A todos os meus amigos e familiares que contribuíram de alguma forma. Obrigada pelas orações.

A todos os professores da Universidade de Brasília que passaram na minha vida, pois sem vocês eu não estaria finalizando mais uma etapa.

A professora Sônia que aceitou me orientar e por ter acreditado na minha capacidade. Obrigada de coração, peço a Deus que existam mais professoras como você que não enxergam apenas alunos e sim pessoas com sentimentos.

“A educação é um ato de amor, por isso,
um ato de coragem.”

Paulo Freire

BARROZO, Sâmyla Barbosa. Reflexão sobre a relação família escola na educação infantil numa escola de Santa Maria. Brasília – DF, Universidade de Brasília, Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso), 2015.

RESUMO

O tema a ser investigado é a relação família-escola cuja relação pode trazer impactos positivos e ou negativos na vida escolar da criança. O objetivo deste trabalho consistiu em constatar como a família se percebe no seu papel de participação da vida escolar dos filhos, e como ela vê a escola. Para tanto, foi necessário o estudo aprofundado de teóricos que contribuíram com seus trabalhos publicados nesta área. A técnica de coleta de dados utilizada na pesquisa foi a aplicação de questionários com 12 pais, 12 estudantes na faixa etária de 4 e 5 anos, e entrevista com uma 1 Orientadora Educacional. Contexto da pesquisa foi uma escola particular de Santa Maria. Os resultados indicam que no tema família escola é necessário que ocorra uma conscientização em relação a responsabilidades que cada um deve assumir, sendo a comunicação uma das chaves para que aconteça um bom relacionamento e procurar formas de como romper as barreiras que atrapalham esta relação.

Palavras-chave: relação família-escola, participação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição percentual dos responsáveis por aluno.....	34
Figura 2 - Distribuição percentual do nível de escolaridade dos responsáveis.....	35
Figura 3 - Distribuição percentual da participação dos pais responsáveis nas atividades da escola.....	36
Figura 4 - Distribuição percentual da importância atribuída pelos pais/responsáveis à participação nas atividades da escola.....	37
Figura 5 - Distribuição percentual a respeito da participação dos pais nas atividades escolares dos filhos.....	38
Figura 6 - Distribuição percentual do tipo de escola que os pais/responsáveis gostariam para seu filho.....	39
Figura 7 - Distribuição percentual da avaliação dos pais às atividades escolares.....	40

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
PARTE I - MEMORIAL ACADÊMICO	10
PARTE II – MONOGRAFIA - REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NUMA ESCOLA DE SANTA MARIA.....	16
CAPÍTULO 1 - REFLEXÕES SOBRE A FAMÍLIA E A ESCOLA NOS DIAS ATUAIS	17
1.1 FAMÍLIA E A CRIANÇA.....	17
1.2 A CRIANÇA E A APRENDIZAGEM.....	20
1.3 A ESCOLA.....	23
1.4 RELAÇÃO FAMÍLIA – ESCOLA.....	25
1.5 A LEI COMO MARCO LEGAL DA RELAÇÃO FAMÍLIA – ESCOLA.....	29
CAPÍTULO 2 - RESULTADOS DA PESQUISA EM UMA ESCOLA PARTICULAR DA SANTA MARIA.....	31
2.1 SOBRE A PESQUISA	31
2.2 CONTEXTO DA PESQUISA	31
2.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	31
2.4 METODOLOGIA DA PESQUISA DE CAMPO.....	32
2.5 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	32
2.6 ANÁLISE E RESULTADOS.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44
ANEXOS.....	46

APRESENTAÇÃO

Este trabalho final de curso, requisito parcial para obtenção do título de graduação em pedagogia da Universidade de Brasília, parte de uma reflexão sobre a relação família escola na educação infantil numa escola de Santa Maria, esse tema foi muito importante durante a minha formação, pois a participação da família pode ser um diferencial na vida escolar da criança, tem como objetivos específicos identificar a participação ou não dos pais na escola, para contribuição da aprendizagem de seus filhos e verificar as possíveis causas da ausência da família no acompanhamento da aprendizagem dos filhos.

O presente trabalho encontra-se estruturado em três partes, como exigido pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, são elas: Memorial Educativo, Trabalho Monográfico e Perspectivas Profissionais.

A Parte I, Memorial Acadêmico, apresenta minha história escolar e acadêmica. Discorro sobre minha trajetória escolar, os caminhos que me levaram até chegar a Universidade de Brasília no curso de Pedagogia e como foram os caminhos até hoje.

A Parte II, Trabalho Monográfico, é constituída por dois Capítulos. O primeiro traz os contextos históricos da família e da criança, sobre a escola, a relação família-escola e para finalizar as Lei de Diretrizes e Bases como pano de fundo desta relação. É desenvolvido baseado em um referencial teórico com o intuito de explanar sobre o tema proposto. O segundo capítulo apresenta a pesquisa de campo e a análise dos resultados. Ao final do seguinte capítulo, apresento minhas considerações finais a respeito de toda a pesquisa realizada.

Na Parte III, Perspectivas Profissionais, exponho aquilo que pretendo alcançar após a minha formação e qual foi a importância do tema em relação a minha formação enquanto pedagoga.

PARTE I - MEMORIAL ACADÊMICO

MEMORIAL ACADÊMICO

Reviver o passado nos traz vários sentimentos. Ao saber que precisaria contar um pouco da minha vida acadêmica vieram tantas histórias na minha mente, que eu não sabia nem por onde começar, mas toda história precisa de bom começo então vamos lá.

A UnB sempre fez parte da minha vida mesmo quando eu nem sabia o que eu iria fazer lá, eu só sabia que um dia eu precisava passar no vestibular e entrar na UnB que a minha mãe tanto falava, eu imagino que ainda na barriga dela ela falava minha filha você vai passar na Universidade de Brasília, mas eu acredito que ela fazia isso de verdade, fui crescendo ela falando sempre, que era para eu valorizar a escola que eu estudava por que um dia eu tinha que passar na UnB. Até que um dia aconteceu eu passei na UnB e agora por ironia do destino estou lutando para conseguir sair, formada que faz toda diferença. Vou parar de enrolar e vamos direto ao assunto né? Vou contar um pouquinho da minha história, espero que não fique chata no meio do caminho, mas se ficar por favor não desista vai até o fim.

Então no ano passado fiz uma matéria no departamento de História, no meio da matéria me deparei com uma realidade que mudou a minha forma de ver alguns detalhes da vida, considero que somos historiadores das nossas vidas, o papel do historiador é relatar um evento que ele considera importante, essa importância vai se basear no contexto histórico que ele vive, então resolvi ser mais seletiva nas minhas memórias, sei que não dá para apagar, mas posso guarda só o que me faz bem e aprender com os meu erros.

Sou filha da Elda e do Divino, sem eles eu não estaria aqui para contar nada, meu nome é Sâmyla Barbosa Barrozo, tenho 26 anos e nasci no dia 02/05/1989, tenho irmãos gêmeos o Abner e o Heber, um já passou na tão sonhada UnB o outro ainda está tentando, mas vamos ao que interessa.

Minha mãe é servidora pública da Imprensa Nacional. Com 4 meses de vida entrei na Creche Leôncio Correia que é localizada na Imprensa, fiquei lá até os 5 anos de idade, não mudaram muito da estrutura da creche então toda vez que eu vou lá

tenho impressão que o tempo não passou, principalmente que ainda tem algumas tias que cuidaram de mim que trabalham lá até hoje.

Sempre fui uma criança tranquila até que quando a minha Tia Márcia passava, vou abrir um parênteses (Tia Márcia é irmã do meu pai ela foi trabalhar na creche só para ter certeza de que ninguém iria judiar de mim) continuando só era ela aparecer eu começava a chorar, tenho boas lembranças dos eventos que a creche promovia como o dia da árvore que eu plantei com a minha mãe (que até hoje está lá linda e bela), sempre havia interação com a família de alguma forma como os pais que trabalhavam perto facilitava essa interação, as tias falavam que eu era muito amável, até hoje tenho amigos que conheci na creche, posso dizer que são chorões igual a mim, como a gente sempre dizia coisa de criança criada em creche, quando eu estava saindo da creche meus irmãos nasceram e foram para creche, por isso eu continuava vendo as tias.

Fui para uma escola que nunca lembro nome só sei que o uniforme era vermelho com branco, tinha uma maleta enorme que era maior do que eu, fico pensando o que é que eu tanto carregava dentro dela já que estava na primeira série, não me lembro muito coisa só da Tia Eliane que me ensinou a ler e a escrever. Depois fui estudar no JK na segunda série do Ensino Fundamental, agora sim eu me lembro de mais coisas, acho que foi quando eu entendi que eu era gente. Era muito bom estudar lá, aprendi tanta coisa foi quando a escola começo a fazer sentido na minha vida.

Provas, dever de casa, agenda, meu Deus era muita coisa para me adaptar em tão pouco tempo, de quebra o nascimento de duas pessoinhas (meus irmãos), é difícil assumir mas sempre fui uma aluna mediana, estudava suficiente para passar, acho que era um pouco de preguiça, amava as festas da família era um momento que podíamos brincar com os pais e ao mesmo tempo aprender sobre diversos assuntos, durante a gincana o processo de interação entre as famílias era emocionante, me lembro quando ficamos na equipe com uns japoneses nossa minha mãe colocou eles para se mexer era muito bom.

Como nem tudo é sempre flores, passei por momentos tensos, eu tive alguns problemas de atenção e depois de várias trocas de professores aconteceu o

inesperado fui reprovada na terceira série, nossa foi horrível, não sei por que na minha cabeça só vinha que meus pais não iriam gostar de mim, pois tinha decepcionado eles, mas agora eu entendo foi muita coisa que aconteceu, uma rotina de estudos que eu não tinha me adaptado, nascimento dos meus irmãos, falta de atenção, muita coisa para uma criança de nove anos, antes da reprovação eu já estava fazendo acompanhamento psicológico, pois comecei a regredir para chamar atenção, poxa concorrer com dois é desleal, mas brincadeiras à parte consegui superar a perda do meu reinado.

Então mudei de escola, me lembro que para entrar na escola pretendida eu tinha que fazer uma prova, para comprovar que eu estava no nível da escola, agora eu acho isso um absurdo, como assim ficar testando o aluno antes de entrar, nem era para ganhar bolsa de estudos. Resumindo consegui entrar no Centro Educacional Católica de Brasília, gostava muito de estudar lá, no horário contrário das aulas eu fazia futsal, handball, ginastica olímpica e GRD era ótimo. Foi bem desenvolvido o gosto pelo esporte, sonhei até em ser professora de educação física, mas assim que sai da Católica as outras escolas não visavam tanto os esportes.

Assim da quinta série até sétima série eu estudei no colégio Isaac Newton, considero que foi a pior escola que eu passei, o ensino não era bom, não cobravam da mesma forma quando, fui estudar no Passionista eu tive muita dificuldade para acompanhar a escola, tinha muita dificuldade em matemática e português, estudei bastante para não ser reprovada, meus pais até me colocaram no reforço escolar para me ajudar a acompanhar as matérias.

Meu ensino médio foi muito bom. Tive professores maravilhosos como a Leila Martinez, professora de português que nos incentivava a ler os livros e apresentar de uma forma lúdica; o professor Isaac, de matemática, que por mais bravo que ele parecia ser ele sabia rir; a Xuxu, professora de química que ensinava de forma muito engraçada. Fiz grandes amigos, jogava truco todo intervalo, mas estudava muito para passar sem ficar de recuperação.

No terceiro ano é que caiu a fixa que eu teria que escolher um curso para fazer a minha graduação.

Não tinha certeza de que curso fazer, mas sabia que teria que entrar na UnB, me identifiquei bastante com o curso de Psicologia então começou a saga para entrar na UnB. Fiz dois anos de curso pré-vestibular e já estava desistindo quando decidi mudar a minha opção de curso para Pedagogia, pois a nota de corte era menor. Na minha primeira tentativa para Pedagogia eu fui bem na prova tirei uma nota alta mas negativei espanhol e fui desclassificada. Pensei em desisti, mas decidi tentar mais uma vez. Foi quando eu passei. Foi um dos momentos mais felizes da minha vida e da minha família.

Enfim estava na Universidade de Brasília. Foi uma trajetória muito interessante. No começo do curso foi tranquilo, pois só estudava. A partir do terceiro semestre comecei a trabalhar. Neste momento minha vida acadêmica complicou um pouco, porém consegui conciliar os dois. Uma das matérias que mais me marcou foi Oficina Vivencial, o professor trabalhou sobre a relação professor x aluno, o que é estar em uma Universidade e nos fez lembrar o nosso ensino médio, demonstrando que estávamos entrando em uma nova fase da nossa vida. Construir a grade de matéria todo semestre era um desafio, eram várias opções, mas nem sempre o sistema aceitava. Todo semestre era um sofrimento com a Matrícula Web. Ainda bem que está acabando.

As matérias que envolviam psicologia eram as que me despertavam mais interesse. A matéria Psicologia da Educação me marcou bastante pois nela despertou o meu olhar em relação a importância da família na escola. Lembro-me que o texto falava de uma menina que foi diagnosticada como retardo mental ainda criança. Como todos falavam que ela era, ela aceitou até que um dia ela foi percebendo que ela não precisava aceitar esse rótulo que um dia colocaram nela, infelizmente a família sempre reafirmava que ela tinha retardo mental, mas ela conseguiu provar para todos que eles estavam errados. A matéria Usos de TV/Vídeo na Escola, também falava da importância da família em controlar o tipo de informação que as crianças podem receber, o que podemos oferecer para eles dentro da escola. Os Projetos como eu trabalhava não consegui manter com um professor até o final, fiz em áreas diferentes como Economia Solidária e “Fomancipa”. Meu Projeto 4, fase 2, foi a minha pesquisa que está neste trabalho de conclusão de curso. Fiz um estágio em uma escola particular no Lago Sul que também contribuiu bastante para escola do tema, com o

contato com as criança podia perceber claramente como a família podia contribuir positivamente ou negativamente na vida escolar delas.

Outro ponto que cooperou para a escolha de um tema relacionado à família foi fazer parte da minha vida. A presença da minha família fez total diferença na minha vida acadêmica até mesmo na Universidade. As bases que meus pais me proporcionaram contribuíram totalmente para meu desenvolvimento escolar.

Tópicos Especiais de Psicologia na Educação, foi uma matéria que transformou a forma de me ver no meio de algum grupo, me fez valorizar a minha participação em todos os lugares. E me ajudou bastante a continuar fazendo o meu curso, passei por um problema pessoal que me desestruturou totalmente, me deparei com um vazio enorme, não tinha nem motivos para continuar na UnB, por isso confesso que chegar ao fim do curso já considero uma vitória. O incentivo da minha família para continuar também fez total diferença.

Por consequência de todo esse processo de mudança de vida, acabei atrasando a minha formatura, mas considero que o importante é não desistir. O acolhimento da professora Sônia me gerou expectativa que ainda tinha tempo para conseguir completar a minha caminhada. Além de todos os problemas, comecei a ter problemas em conciliar os horários, o que dificultava ainda mais o término do curso, mas sempre me lembrava de uma frase que tem em um muro da Universidade que diz assim: “Não deixe que a Universidade atrapalhe os seus estudos”. Então mesmo sem força eu continuei lutando.

Cada matéria que eu fiz foi me transformando de alguma forma, algumas com lições só acadêmicas e outras com lições que eu vou levar por toda a minha vida. Posso finalizar o meu memorial dizendo que a UnB mudou a minha vida.

PARTE II - MONOGRAFIA

**Reflexão sobre a relação família escola na educação infantil numa escola de
Santa Maria**

CAPÍTULO 1: REFLEXÕES SOBRE A FAMÍLIA E A ESCOLA NOS DIAS ATUAIS

Esse Capítulo trata de pontuar aspectos importantes sobre a família escola nos dias atuais para evidenciar a importância destas duas instituições na vida da criança.

1.1 Família e a criança

Família está presente em todas as sociedades, cada uma com as suas variações de estruturas e valores. Sendo ela o primeiro ambiente de contato do indivíduo com o mundo. A partir dela construímos as nossas relações de caráter social, cognitivo e afetivo (Polonia e Dessen, 2007).

Segundo Osorio (1996) a família possui funções familiares que podem ser dividi em três, mas dificilmente podem ser estudadas separadamente, já que estão intimamente relacionadas. As funções biológicas que não consiste somente em garantir a reprodução e sim a sobrevivência através dos cuidados; as funções psicológicas que o se objetivo principal seria o afeto, que seria tão indispensável para sobrevivência como o oxigênio; as funções sociais a transmissão das experiências acumuladas pelas vivências coletivas e individuais. Na esfera pedagógica seria proporcionar um ambiente adequado para a aprendizagem.

A instituição família foi sendo moldada de acordo com o momento histórico, ela foi se adaptando à medida que a sociedade foi mudando. Em breve resgate histórico sobre a constituição do sentimento da família e da criança, com o embasamento teórico principalmente nos estudos do autor Philippe Ariès, na história social da criança e da família.

Na época medieval a família, segundo Ariès (1973):

A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental. (...) Nos meios mais ricos, a família se confundi com a prosperidade do patrimônio, a honra do nome. A família quase não existia sentimentalmente entre os pobres, e quando havia riqueza e ambição, o sentimento se inspirava no mesmo sentimento provocado pelas antigas relações de linhagem. (p. 231)

Ainda de acordo com Ariès (1973) a criança não era vista como conhecemos atualmente. Eram reconhecidas como mini adultos. Como indício disso,

podemos notar que as obras de arte deste período, mostravam figuras de crianças no formato de adultos, porém com tamanho reduzido, ao invés de serem pintadas como as que vemos hoje, “a cena do evangelho” é uma pintura onde podemos verificar essa temática.

O tema é a cena do evangelho em que Jesus pede que se deixe vir a Ele as criancinhas, [...] ora o miniaturista agrupou em torno de Jesus oito verdadeiros homens, sem nenhuma das características da infância: eles foram simplesmente reproduzidos numa escala menor. (ARIÈS, 1973, p.50).

O conceito de infância era praticamente inexistente não havia distinção do mundo infantil para o adulto. A partir do momento em que a criança tivesse condições de viver sem sua mãe ou a ama ela era inserida na sociedade do mundo adulto. Outro fato que podemos observar que não havia o sentimento de afeto pelas crianças, quando uma morria os pais não demonstrava nenhuma preocupação, pois sabiam que logo viria outra para assumir o seu lugar. (ARIÈS, 1973).

A educação oferecida às crianças possuía como objetivo ensinar um ofício que futuramente seria a sua profissão. Durante muito tempo o serviço doméstico “se confundia com a aprendizagem, como uma forma muito comum de educação. Era através do serviço doméstico que o mestre transmitia a uma criança [...] a bagagem de conhecimentos, a experiência prática e o valor humano que pudesse possuir. (ARIÈS, 1973, p.228)

Os sentimentos e as realidades da família começaram a se transformar a partir do século XV, uma revolução profunda e lenta.

O primeiro sentimento da infância - caracterizado pela "paparicação" - surgiu no meio familiar na companhia das criancinhas pequenas. O segundo, ao contrário, proveio de uma fonte exterior à família: os eclesiásticos ou dos homens da lei, raros até o século XVI, e de um maior número de moralistas no século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes. Essas moralidades listas haviam se tornado sensíveis ao fenômeno outrora negligenciado da infância, mas recusavam-se a considerar as crianças como brinquedos encantadores, pois viam nelas frágeis criaturas de Deus que era preciso ao mesmo tempo preservar e disciplinar. Esse sentimento por sua vez passou para a vida familiar. (ARIÈS, 1973, p.163)

A partir dessas transformações a criança passou a ser vista com importância e começou a receber mais respeito e cuidado no meio adulto. Passou-se a perceber seu sentimento, sua afetividade e a infância surgiu como período da vida.

Tudo o que se referia às crianças e à família tornara-se um assunto sério e digno de atenção. Não apenas o futuro da criança, mas também sua simples presença e existência eram dignas de preocupação - a criança havia assumido um lugar central dentro da família". (ARIÈS, 1973, p.164).

Na iconografia a partir dessa época podemos perceber as crianças sendo retratadas ao lado de brinquedos, retratando o que seria a idade de brincar. Depois sendo retratadas com livros ou aprendendo a ler, os meninos e as meninas em figuras que mostravam o ato de fiar.

Com surgimento desse sentimento de infância a forma de educar as crianças foi sendo modificada, da mesma forma que a família foi se transformando a estrutura da escola também foi modificada. (ARIÈS,1973)

“[...] a estrutura familiar varia, portanto, enormemente, conforme latitude; as distintas épocas históricas e os fatores sócio-políticos, econômicos ou religiosos prevalentes num dado momento da evolução de determinada cultura” (OSÓRIO,1996, p. 15).

Com o início da industrialização começou um processo de deslocamento do meio rural para as cidades. Com isto as famílias sofreram algumas mudanças. Deixaram de ser numerosas, se limitando a uma família nuclear. Neste contexto houve a diminuição do número de filhos. Até a segunda metade do século XX a dinâmica familiar sofreu consideráveis mudanças.

Conforme Colus & Lima (2007):

[...] mudanças sociais desencadearam uma reestruturação familiar, por causa da alteração dos papéis desempenhados pelos indivíduos na sociedade. Exemplos desta colocação foram a inserção da mulher no mercado de trabalho e o desempenho, pelo homem, de atividades que eram prioritárias da mulher [...]. Em face disso, pode-se dizer que a família reflete a cultura na qual está inserida, não podendo ser apontada como uma entidade isolada. (p. 198)

A estrutura familiar é composta pelo pai, que tinha a função de provedor, de levar o sustento para o grupo; e a mãe, que tinha como função cuidar e dar afeto às crianças. Assim, o primeiro modelo de família que se formou desde os primórdios se transformou à medida que emergiu na sociedade novas formas de ser e perceber o mundo. O que antes era considerado um padrão normal de família teve outras formas de existir.

Sendo assim, seguem alguns modelos de família:

(...); extensa (vários membros com laços de parentesco, incluindo três ou quatro gerações); adotivas temporárias; adotivas que podem ser bi-raciais ou multiculturais; casais, famílias mono parentais (chefiadas por pai ou mãe) casais homossexuais (com ou sem crianças) famílias reconstituídas (depois do divórcio) e várias pessoas vivendo junto sem laços legais, mais com forte compromisso mútuo. (GOMES, SILVA, PESSINI, 2011, p.107).

A família pode ser classificada de várias formas. Sendo estas: a família tradicional; na qual o modelo patriarcal caracteriza-se por ser o mais comum e tem como figura central o patriarca, ou seja, o “pai”, é que é chefe da família e todos com laços de sangue conviviam juntos por exemplo os tios, avós e primos, as relações eram baseadas em conceitos autoritários da época.

Na família nuclear, que é formada pelo pai, a mãe e os filhos, a relação entre a família é menos autoritária como a tradicional, pois possui um núcleo mais restrito. A família pós moderna, que surgiu atualmente, possui como diferença que não é preciso ter um grau de parentesco para que a família seja formada. Filhos que vivem somente com um dos pais também surgem como uma nova família. Essas formações são consequências de o divórcios ou até pelo fato de não conhecerem o outro genitor.

A sociedade como um todo é afetada quando acontecem mudanças na família. A educação das crianças também está envolvida e acaba refletindo sobre as atividades desenvolvidas pela escola.

Os responsáveis pela seleção, organização e construção das regras e valores passados aos filhos era e é papel do pai e a mãe, mas atualmente estas funções vêm sendo descentradas, em alguns casos, e as crianças estão sendo entregues aos cuidados de tias e avós. (GOMES, SILVA, PESSINI, 2011)

No processo de aprendizagem o papel da família é de extrema importância, por isso independente da estrutura familiar. A família exercendo o seu papel em conjunto com a escola melhora o aprendizado e o desenvolvimento da criança.

Conforme afirmar Polonia e Dessen (2005): “Quando a família e escola mantêm boas relações, as condições para um melhor aprendizado e desenvolvimento da criança podem ser maximizadas” (p. 304).

Percebemos que a aprendizagem pode ser melhor aprendida pela criança quando família e escola mantêm boas relações.

1.2 A criança e a aprendizagem

O contexto histórico a respeito da família e de suas formas de existir, como surgiu o sentimento de infância, são questões cruciais para a formação de como vemos a criança atualmente. Agora vamos falar sobre aprendizagem da criança baseada na Teoria Histórico Cultural.

De acordo com a teoria histórico cultural, o indivíduo não nasce sabendo como ser humano, ele aprende a partir do contato com outras pessoas, assim ela estará sendo inserida em uma cultura e uma sociedade.

De acordo com Vygotsky:

(...) a criança nasce com uma única potencialidade, a potencialidade para aprender potencialidades; com uma única aptidão, a aptidão para aprender aptidões; com uma única capacidade, a capacidade ilimitada de aprender e, nesse processo, desenvolver sua inteligência – que se constitui mediante a linguagem oral, a atenção, a memória, o pensamento, o controle da própria conduta, a linguagem escrita, o desenho e o cálculo – e sua personalidade – a autoestima, os valores morais e éticos, a afetividade. (Carrara et al. 2004, p. 136)

O primeiro aprendizado da criança começa ao nascer é a partir do contato com a mãe.

Segundo Vygotsky o desenvolvimento ocorre a partir da relação com a cultura, assim a relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento ganha uma nova perspectiva “(...) não é o desenvolvimento que antecede e possibilita a aprendizagem, mas ao contrário, é a aprendizagem que antecede, possibilita e impulsiona o desenvolvimento.” (Carrara et al. 2004, p. 142).

A respeito dos estudos de Vygotsky sobre a aprendizagem da criança Palangana (1998) apresenta alguns conceitos. Vygotsky cria três zonas: de Zona de Desenvolvimento Real, Zona de Desenvolvimento Proximal e Zona de Desenvolvimento Potencial.

A Zona de Desenvolvimento Real é quando a criança utiliza o conjunto de conhecimentos prévios que ela possui e assim faz com que ela não precise de ajuda de outro indivíduo para executar alguma atividade.

A Zona de Desenvolvimento Potencial é definido a partir dos problemas que a criança consegue resolver com o auxílio de pessoas com mais experiência.

A Zona de Desenvolvimento Proximal, que é uma das mais utilizadas no processo de ensino e aprendizagem nas salas de aula, ela é o meio termo entre a Zona de Desenvolvimento Real e a Zona de Desenvolvimento Potencial, ou seja, a partir dos conhecimentos que a criança já possui, pode se entender que a criança ainda não está madura, com o auxílio ela vai amadurecendo para que possa realizar sem nenhuma ajuda. Esse auxílio que o ajudará a sair da Zona de Desenvolvimento Potencial é a Zona de Desenvolvimento Proximal, ou seja, o sujeito recebe um auxílio que o ajuda a chegar ao resultado esperado.

“(...) o bom ensino é aquele que garante a aprendizagem e impulsiona o desenvolvimento” (Carrara et al. 2004, p. 144).

É sempre válido o auxílio concedido a criança em suas atividades de aprendizagem, pois aquilo que a criança faz hoje com o auxílio de um adulto, em breve estará realizando sozinha. Nós nunca deixamos de aprender, existem sempre algo novo no qual se tem um potencial a atingir, mesmo que haja a necessidade de um auxílio para executar (Zona de Desenvolvimento Proximal) para depois conseguir realizar sozinho (Zona de Desenvolvimento Real), pois assim adquirimos os elementos necessários para poder realizar a atividade.

Vygotsky diz: “O que a criança pode fazer hoje com o auxílio dos adultos poderá fazê-lo amanhã por si só. (PALANGANA, 1998, p.129)

Alencar (1985, p. 13) diz que:

“Quando se observa o comportamento infantil, salta a vista que este é influenciado pelas normas e valores culturais da sociedade onde vive a criança. Estas normas e valores variam entre diferentes camadas da população, e são transmitidas a criança especialmente pelos agentes socializadores, representados nos primeiros anos de vida pelos pais e professores e, em menor escala, pelos irmãos, parentes próximos com quem a criança interage, e grupo de companheiros”

A importância da família no processo de aprendizagem faz total diferença na vida escolar da criança, pois com o conjunto de conhecimentos que a criança foi adquirindo até chegar na escola lhe dá uma bagagem mais sólida para adquirir novos conhecimentos.

Segundo Wrege (2011):

“A aprendizagem inclui a articulação entre o conhecimento e o saber. O conhecimento, mundo dos conceitos, constrói-se de forma impessoal enquanto que o saber constrói-se a partir da relação com o outro, forma pessoal, por meio da experiência vivida. Portanto o vínculo entre ensinante (pais) e aprendente (filho) é fundamental para a aprendizagem. Este vínculo dá-se de forma circulante entre: ensinante e aprendente – aprendente e ensinante dentro de um espaço onde haja confiança, respeito e estima.” (p.83)

Criar um espaço um ambiente de respeito, confiança e estima, pode refletir diretamente na aprendizagem da criança, pois com o diálogo com a criança ela se sente confiante, assim ela pode desenvolver uma auto confiança maior desenvolvendo um ambiente mais propício para aprendizagem.

Neste caso a escola tem se tornado um lugar de aprendizado importante para as crianças.

1.3 A escola

A escola nem sempre foi da forma que conhecemos, ela foi se transformando e se adaptando aos momentos históricos, e aos diferentes tipos de sociedades, assim a escola foi se tornando o que conhecemos agora. Ela ainda é objeto de estudo, pois como nas demais áreas da sociedade ela vai se adaptando para que não se torne obsoleta.

A escola é um espaço de relações. Nesse sentido cada escola é única, fruto de sua história particular, de seu projeto e de seus agentes. Como lugar de pessoas e de relações, é também um lugar de representações sociais. Como instituição social ela tem tanto contribuído para a manutenção quanto para a transformação social. Numa visão transformadora ela tem um papel essencialmente crítico e criativo. (GADOTTI, 2008)

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases – LDB (1996) a escola deve se vincular ao mundo do trabalho e às práticas sociais. Assim esperamos que a escola prepare os alunos não somente para o mercado de trabalho, mas também para vida em sociedade baseando-se nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana.

Para Gadotti (2008) cada escola é única, pois ela é um espaço de relações, cada uma possui a sua história que é fruto do projeto de seus agentes. É também um lugar de representações sociais.

A escola possui um papel muito importante na contribuição para o desenvolvimento do indivíduo, pois ela não se limita apenas em transmitir de conhecimentos científicos, ela vai além. De acordo com Polonia e Dessen (2005) “[...] a escola deve visar não apenas a apreensão de conteúdo, mas ir além, buscando a formação de um cidadão inserido, crítico e agente de transformação, já que é um espaço privilegiado para o desenvolvimento das ideias, ideais, crenças e valores.” (p.304)

O papel que a escola possui na vida de uma criança está além da transferência de conhecimentos específicos, pois a família é o seu primeiro ambiente de contato com os “outros”, a escola é seu próximo ambiente de socialização.

O ambiente de socialização ampliado que a escola traz, é um dos diferenciais que ela possui, pois na família a criança está limitada a uma ambiente reduzido de pessoas, a escola propicia um espaço onde a criança passa a se relacionar e interagir com crianças da mesma idade, auxiliando o seu desenvolvimento. Por isso que a escola é um local de muita diversidade conforme

afirma Tiba (2013, p.147) “Cada aluno traz dentro de si sua própria dinâmica familiar, isto é, seus próprios valores (em relação a comportamentos, disciplina, limite, autoridades, etc.) cada um têm suas características psicológicas pessoais”

Segundo Alencar (1985, p 135):

“Desde muito cedo, a criança passa a permanecer uma parte significativa do seu dia na escola. Aí novos modelos para imitação e identificação lhes são oferecidos e ela continua na tarefa de adquirir um conceito do mundo e de si mesma.” Com a ampliação do contato com um número maior de pessoas, a escola proporciona a criança mais opções de modelos sociais para ela assimilar.

Na escola as crianças estão envolvidas em atividades pedagógicas, onde desenvolvem atividades formais como por exemplo leitura e pesquisa, e na atividades informais como a horas do recreio, atividades de lazer. Sendo assim é “Neste ambiente, o atendimento às necessidades cognitivas, psicológicas, sociais e culturais da criança é realizado de uma maneira mais estruturada e pedagógica que no ambiente de casa.” (POLONIA e DESSEN, 2005 p.304).

O papel do professor neste processo não é de transmissor de conhecimento mas sim de um gestor de conhecimento, nas mãos dele está direção da aprendizagem e na relação da escola com o aluno. Alencar (1985) afirma que o professor é um dos responsáveis pelo desenvolvimento da criança na escola, ele que faz um contato diário com a criança, sendo assim, o professor, diante a escola, assume um papel muito forte, pois a forma de como ele interage com seus alunos e cumpre as suas responsabilidades, trará reflexos.

A partir do momento em que a escola começa a estabelecer um canal de comunicação com a família, cria um laço de confiança maior, em consequência a família pode desenvolver uma consciência de responsabilidade da importância da educação para as criança.

1.4 Relação Família – Escola

Tanto a família como a escola são vistas como instituições marcantes, com peculiaridades distintas na sociedade. O elo de semelhança entre elas é que as duas não são estáticas e definidas, ou seja, são instituições que evoluem e se transformam de acordo com as conjunturas socioeconômicas e culturais. (Colus & Lima, 2007, p.198)

Transformações acontecem o tempo todo, muitas vezes de uma forma rápida ou lenta, depende de como ela vão impactar em nossas vidas e a sociedade.

A família e a escola estão ligadas de uma maneira que chegamos a confundir qual o papel que cada uma precisa desempenhar. A questão que nos preocupa quais os fatores que atrapalham essas definições de papéis, para que aconteça uma separação justa de responsabilidades quando falamos de educação.

Para uma melhor compreensão precisamos distinguir o papel da escola e da família:

[...]está na tarefa de ensinar, sendo que a primeira tem a função de favorecer a aprendizagem dos conhecimentos construídos socialmente em determinado momento histórico, de ampliar as possibilidades de convivência social e, ainda, de legitimar uma ordem social, enquanto a segunda tem a tarefa de promover a socialização das crianças, incluindo o aprendizado de padrões comportamentais, atitudes e valores aceitos pela sociedade. (Oliveira & Araújo, 2010, p.101)

Atualmente a sociedade passa por um momento de imersão em mundo globalizado onde possuímos ferramentas que nos ligam as pessoas de uma forma rápida, tornando a comunicação instantânea. Não podemos negar que existe uma aproximação maior no mundo virtual que causa o afastamento das pessoas no mundo real, quando esta forma de comunicação é utilizada de forma inadequada. Diante desta nova realidade podemos questionar como está ficando a relação entre a família e a escola, está acontecendo o diálogo entre as duas instituições? As duas instituições estão cumprindo os seus papéis? É de extrema importância que haja uma boa comunicação entre as duas.

Como diz Jean Piaget:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidade [...] (PIAGET, 2007, p. 50)

A família e a escola possuem um papel fundamental no desenvolvimento das crianças, pois com um trabalho em conjunto, propicia ao indivíduo uma base mais sólida para enfrentar as dificuldades que são impostas pela sociedade. Cada uma com a sua especificidade e suas complementariedades.

Devido as mudanças nas estruturas dessas instituições as responsabilidades não estão sendo divididas de uma forma igualitária, a família vem transferindo o seu papel para a escola, muitas vezes por falta de interesse dos pais

em comparecer às reuniões escolares e participar com afinco na vida escolar da criança ou até mesmo por se sentir incapaz de exercer o seu papel.

Segundo Zenhas (2006) quando a criança recebe o apoio da família na vida escolar, possibilita que ela obtenha melhores expectativas em relação a si mesma contribuindo para a sua autoconfiança, autoestima e autoconceito acadêmico. Sendo assim a partir do envolvimento dos pais neste processo eleva as expectativas dos professores em relação a esses alunos o que influencia no maior rendimento escolar deles.

Escola e família são instituições sociais que estão presentes na vida escolar do aluno, de forma podemos pensar que um trabalho em conjunto podemos obter sucesso educativo. Alencar (1985) diz que:

a família e a escola são provavelmente as instituições sociais mais importantes durante os anos de formação da criança. Cabe a elas transformar uma criança dependente e imatura em um membro responsável, autosuficiente e em condições de contribuir para o bem estar da sua comunidade (p. 135)

Os professores e os pais possuem objetivos comuns por isso uma parceria sadia e cordial, pode facilitar esse processo. Trabalhar em conjunto tem sido um dos desafios da educação. Educar é sem dúvida um papel que recai sobre a família e a escola. Tanto a família como a escola podem oferecer algumas formas de contribuições para facilitação no processo de interação e dessa forma propiciar o desenvolvimento das crianças. A pedagoga Caiado(SD) traz algumas sugestões, no site Brasil Escola, que podem ser seguidas para que o processo de facilitação aconteça de forma positiva:

Família:

- Selecionar a escola baseado em critérios que lhe garanta a confiança da forma como a escola procede diante de situações importantes;
- Dialogar com o filho o conteúdo que está vivenciando na escola;
- Cumprir as regras estabelecidas pela escola de forma consciente e espontânea;
- Valorizar o contato com a escola, principalmente nas reuniões e entrega de resultados, podendo se informar das dificuldades apresentadas pelo seu filho, bem como seu desempenho.

Escola:

- Cumprir a proposta pedagógica apresentada para os pais, sendo coerente nos procedimentos e atitudes do dia-a-dia;
- Receber os pais com prazer, marcando reuniões periódicas, esclarecendo o desempenho do aluno e principalmente exercendo o papel de orientadora mediante as possíveis situações que possam vir a necessitar de ajuda;

- Abrir as portas da escola para os pais, fazendo com que eles se sintam à vontade para participar de atividades culturais, esportivas, entre outras que a escola oferecer, aproximando o contato entre família-escola.

Essas orientações não precisam ser tomadas como únicas são apenas sugestões que podem propiciar uma integração melhor entre a família e escola.

Zenhas (2006) com base nos estudos de Diogo (1998), parceria escola-família: a caminho de uma educação participada, indica que existe quatro grandes barreiras que atrapalham o envolvimento das famílias nas escolas, sendo elas:

- [...] (a) tradição de separação entre a escola e a família;
 (b) tradição de culpar os pais pelas dificuldades dos filhos;
 (c) barreiras estruturais da organização social; e
 (d) persistência das estruturas organizativas dos estabelecimentos de ensino.” (p.31).

Essas barreiras precisam ser discutidas entre a família e a escola, pois são situações que foram construídas por ambas as partes. Existem algumas barreiras que foram criadas pela falta de tempo que atormenta a nossa sociedade, que está ligada ao modo de vida urbano, que muitas vezes por causa dos empregos as famílias não possuem tempo para comparecer às reuniões escolares do seu filho, participar das tarefas diárias, e colocam a educação em segundo plano. Muitas vezes a escola culpa a família por esse distanciamento mas “Diversos estudos (Chora et al., 1997; Epstein, 1997a; Silva, 1997b), [...] têm concluído que as famílias valorizam a escola e gostariam de dar apoio às suas crianças, não o fazendo por não saberem como ou por não se sentirem competentes para tal.” (ZENHAS,2006, p.33)

Em um estudo envolvendo pais com baixo rendimento nas áreas urbanas de McDermott e Rothenberg (2000), conforme cita Zenhas (2006), aponta três fatores que estão ligados na qualidade do envolvimento da família ou na relutância desse pai para se envolverem na vida escolar dos filhos:

- (a) A percepção da família acerca do seu papel e da sua responsabilidade na educação da criança mostrou ser o mais importante fator de predição do envolvimento parental. As famílias de baixos rendimentos sentem-se excluídas do sistema escolar e consideram que ensinar é uma responsabilidade da escola.
 (b) Os sentimentos parentais de eficácia contribuem para o envolvimento parental. Os pais participam e envolvem-se mais se sentirem que podem contribuir do que se acharem que o seu envolvimento não contribuirá de forma positiva.
 (c) O fato de as escolas fazerem ou não com que os pais se sintam lá bem e de valorizarem ou não a sua participação contribui positiva ou negativamente para o seu envolvimento na educação dos filhos.

Quando acontece um processo de valorização da família, pode ocorrer um rompimento de barreira que atrapalham a relação família- escola, assim que ela se sentir acolhida, pode colaborar para que ela se sinta responsável e comece a participar mais ativamente da vida escolar da criança.

Polonia e Dessen (2005, p. 307) em seu artigo em busca de uma compreensão das relações entre família e escola, traz a tipologia proposta por Epstein que engloba os tipos de envolvimento entre os contextos familiar e escolar:

Tipo 1. Obrigações essenciais dos pais. Reflete as ações e atitudes da família ligadas ao desenvolvimento integral da criança e à promoção da saúde, proteção e repertórios evolutivos. Além da capacidade de atender às demandas da criança, considerando sua etapa de desenvolvimento para inserção na escolarização formal, é tarefa da família criar um ambiente propício para a aprendizagem escolar, incluindo acompanhamento sistemático e orientações contínuas em relação aos hábitos de estudos e às tarefas escolares.

Tipo 2. Obrigações essenciais da escola. Retrata as diferentes formas e estratégias adotadas pela escola com o intuito de apresentar e discutir os tipos de programas existentes na escola e evidenciar os progressos da criança, em diferentes níveis, para os pais ou responsáveis. As formas de comunicação da escola com a família variam, incluindo desde mensagens, jornais, livretos, convites e boletins até observações na agenda do aluno. A explicitação das normas adotadas, do funcionamento geral da escola, dos métodos de ensino e de avaliação e a abertura de espaços, onde os pais possam participar ativamente e dar suas opiniões sobre estes temas, é estratégico.

Tipo 3. Envolvimento dos pais em atividades de colaboração, na escola. Refere-se à como os pais trabalham com a equipe da direção no que concerne ao funcionamento da escola como um todo, isto é, em programações, reuniões, gincanas, eventos culturais, atividades extracurriculares etc.. Este tipo de envolvimento visa auxiliar professores, orientadores, psicólogos, coordenadores e apoio pedagógico em suas atividades específicas, quer mediante ajuda direta, em sala de aula, quer na preparação de atividades ligadas às festas ou desfiles.

Tipo 4. Envolvimento dos pais em atividades que afetam a aprendizagem e o aproveitamento escolar, em casa. Caracteriza-se pelo emprego de mecanismos e estratégias que os pais utilizam para acompanhar as tarefas escolares, agindo como tutores, monitores e /ou mediadores, atuando de forma independente ou sob a orientação do professor.

Relação família escola pode sim dar certo, a partir do momento que as duas instituições assume as suas responsabilidades e se ajudam a cumprir os seus papéis.

1.5 A Lei como marco legal da relação família - escola

A Lei de Diretrizes e Bases Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, é a lei que regulamenta o sistema educacional público ou privado do Brasil, ela traz

aspectos legais sobre a educação, vamos destacar as partes sobre a discussão entre família e escola.

No Título 1 que trata da educação o artigo 1º mostra que: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.”

No Título 2 - Dos Princípios e Fins da Educação Nacional – no artigo 2º diz que: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” Podemos ver a educação também é dever da família, uma obrigação que está sendo dividida com o Estado, para que formem novos cidadãos com base no princípios de cidadania. No artigo 3º são apresentados os princípios do ensino, vale destacar entre eles: “X - valorização da experiência extra-escolar;”, onde a escola deve prezar tudo aquilo que a criança aprende fora dela, como já foi dito a família é o primeiro ambiente de aprendizagem da criança, o que reforça que a escola e a família devem trabalhar juntas em uma relação de ganhos para as duas.

No Título 4 - Da Organização da Educação Nacional – no artigo 12 que trata das incumbências dos estabelecimento de ensino destaco o item “VI - articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola”. Esse item é muito importante, pois é dever da escola que ela crie processos para que aconteça uma articulação melhor com a família. Neste mesmo título no próximo artigo fala que os docentes também precisam colaborar com as atividades de articulação com as família e a comunidade.

No Capítulo II, Da Educação Básica, Seção I – Das Disposições Gerais – artigo 22º “A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.”

Enfim, a Seção II – da educação infantil - “Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.” E “Art. 31º. Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino

fundamental”. Os artigos destacam colaboração da escola e da família para o desenvolvimento da criança, mostrando que uma deve ser o complemento da outra, assim as duas instituições são fundamentais para o aprendizado infantil.

A partir dessas reflexões buscamos neste trabalho evidenciar na prática qual a importância da relação família escola na vida da criança.

CAPÍTULO 2 – Resultados da Pesquisa em uma escola particular da Santa Maria

Este Capítulo traduz os resultados da pesquisa de campo com essa temática desenvolvida no Projeto 04 fase 02, estágio supervisionado, espaço curricular obrigatório no curso de Pedagogia. O objetivo geral foi identificar como a família se percebe na vida escolar do filho e uma visão da escola a respeito do tema.

2.1 Sobre a pesquisa

A pesquisa realizada apoia-se na abordagem quantitativa exploratória, embora também se faça uso de elementos qualitativos, na qual buscando explorar a como a família se percebe na vida escolar dos seus filhos. Segundo Gil (1989) “pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (p. 44).

2.2 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada numa escola particular localizada na cidade de Santa Maria região administrativa do Distrito Federal. A cidade tem cerca de 120 mil habitantes, conforme censo realizado pelo IBGE em 2005, segundo dados no site do Governo de Brasília a cidade é fruto de um grande programa de distribuição de lotes realizado pelo governo do Distrito Federal. Assim como outras demais regiões administrativas do DF, Santa Maria nos primeiros anos, era dotada de pouca infraestrutura urbana, que aos poucos foi sendo consolidada.

O Instituto do Saber fica localizado na Santa Maria Norte, atende crianças da Educação Infantil de 2 anos à 5 anos, do maternal a pré-alfabetização. A escola possui 62 alunos, 8 funcionários. A escola tem uma estrutura pequena contendo apenas um parque de diversão, 4 salas de aula com televisão e vídeo, e uma diretoria. Como a escola é pequena o contato para fazer o questionário foi muito tranquilo.

2.3 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram 12 pais de 12 alunos com idades de 4 anos e 5 anos, e uma entrevista com a orientadora educacional da mesma escola. A escolha desses sujeitos foi para perceber como os pais se percebem na vida escolar dos filhos e o ponto de vista da escola em relação a família.

2.4 Metodologia da pesquisa de campo

Foram aplicados 12 questionários que estava estruturado com dez perguntas, sendo oito de múltipla escolha e duas abertas. Foi feita também uma entrevista com a orientadora educacional com base no questionário respondido pelos pais. Todos assinaram o Termo de livre Esclarecimento e Consentimento.

2.5 Instrumentos para coleta de dados

O questionário teve como objetivo buscar saber como os pais se percebem na vida escolar do seu filho, nos oferecendo dados para analisar quais barreiras atrapalham sua participação, o seu nível de escolaridade, a sua profissão, e sugestões para uma maior aproximação com a escola.

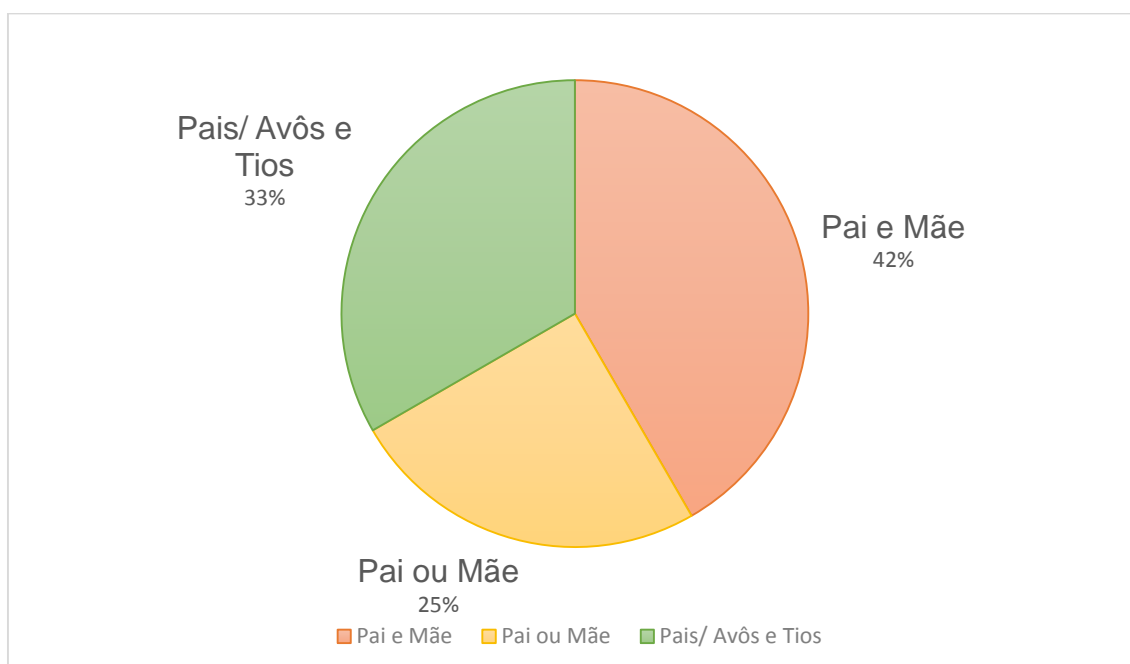
Versando acerca do tema da pesquisa. Utilizou-se entrevista semiestruturada com a Orientadora Educacional. A entrevista com a orientadora começou sendo gravada, mas durante a realização pode se perceber que ela não estava se sentindo confortável, então o gravador foi desligado. Assim facilitou bastante a obtenção de respostas. Ela possui uma visão geral de toda escola e tem um contato muito direto com os pais, pelo fato da estrutura da escola ser pequena.

Modelo do questionário e roteiro da entrevista, encontram-se ANEXO.

2.6 Análise e resultados

Nessa parte vamos refletir sobre os dados do questionário dos pais juntamente com alguns apontamentos entrevista com a orientadora educacional, para podermos perceber os benefícios dessa relação. As respostas no questionário foram tabuladas e organizadas em Figuras, conforme a distribuição percentual das resposta. A entrevista seguiu um roteiro prévio e norteou a discussão do problema de pesquisa.

Figura 1 – Distribuição percentual dos responsáveis por aluno.



Fonte: Questionário aplicado aos pais, pela aluna Sâmyla Barbosa Barrozo

A primeira questão teve como objetivo que o pai assinalasse quem era o responsável pelo aluno, sendo que cada um pode assinalar mais uma opção.

Percebe-se que 42% das crianças possuem o pai e a mãe como responsáveis, nos mostra que a estrutura familiar nuclear ainda é superior as demais. Cerca de 33% dividem essa responsabilidade com avôs e tios e apenas em 25% dos casos o responsável é o pai ou a mãe, exclusivamente. Podemos perceber que existem diferentes estruturas familiares presentes na escola.

Segundo a orientadora quando a criança possui mais responsáveis, isso dificulta bastante a comunicação com a escola, pois muitas vezes um fica passando a responsabilidade para o outro. Polonia e Dessen (2007, p.22) afirmam que “as transformações tecnológicas, sociais e econômicas favorecem as mudanças na estrutura, organização e padrões familiares e, também, nas expectativas e papéis de seus membros”. É muito importante que a família defina quem deve assumir a reponsabilidade sobre a vida escolar das criança, para facilitar o diálogo com a escola.

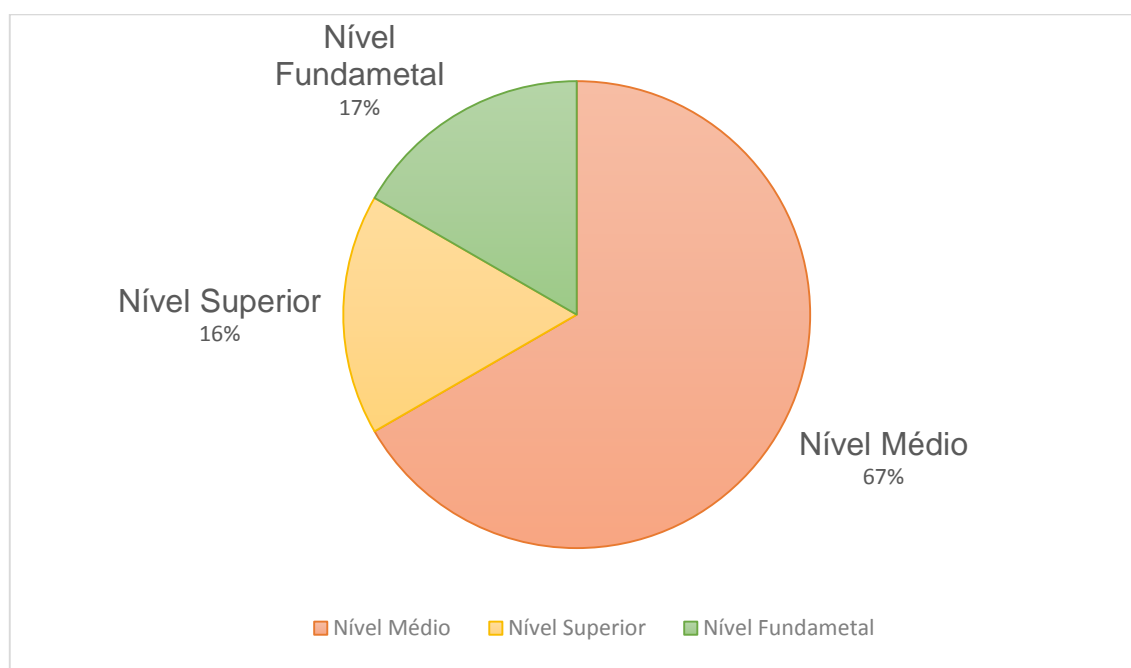
Outro dado importante é que crianças com os pais que se separaram ou estão neste processo, apresentam o lado emocional desestabilizados, atrapalhando o

seu desenvolvimento escolar. Nesse caso, a escola e a família juntas devem procurar ou criar formas de ajudar a criança.

Na literatura especializada da área, também encontramos ressaltado que: “É importante ressaltar que a família e a escola são ambientes de desenvolvimento e aprendizagem humana que podem funcionar como propulsores ou inibidores dele.” (POLONIA E DESSEN, 2007, p.27)

A questão 02 diz a respeito do nível de escolaridade dos pais, onde 67% deles cursou o ensino médio; apenas 17% cursou o até o ensino fundamental e 16% está cursando ou já possui o ensino superior.

Figura 2 – Distribuição percentual do nível de escolaridade dos responsáveis.



Fonte: Questionário aplicado aos pais, pela aluna Sâmyla Barbosa Barrozo

O nível de instrução dos pais pode fazer diferença, dependendo da área de análise. Como o nosso foco é como eles se percebem, entra a questão do pai se sentir capaz ou não de dar um auxílio ao filho, conforme já vimos no Capítulo anterior, muitos pais não se sentem valorizados ou capacitados para exercer o seu papel, o que foi confirmado durante a entrevista com a orientadora educacional, pois existem pais que não entendem o comando do dever de casa dos seu filho por não terem um grau de instrução adequado; e há alguns pais com grau de instrução mais elevado que tentam dar um auxílio para filho, mas acabam atrapalhando por não saberem como funciona

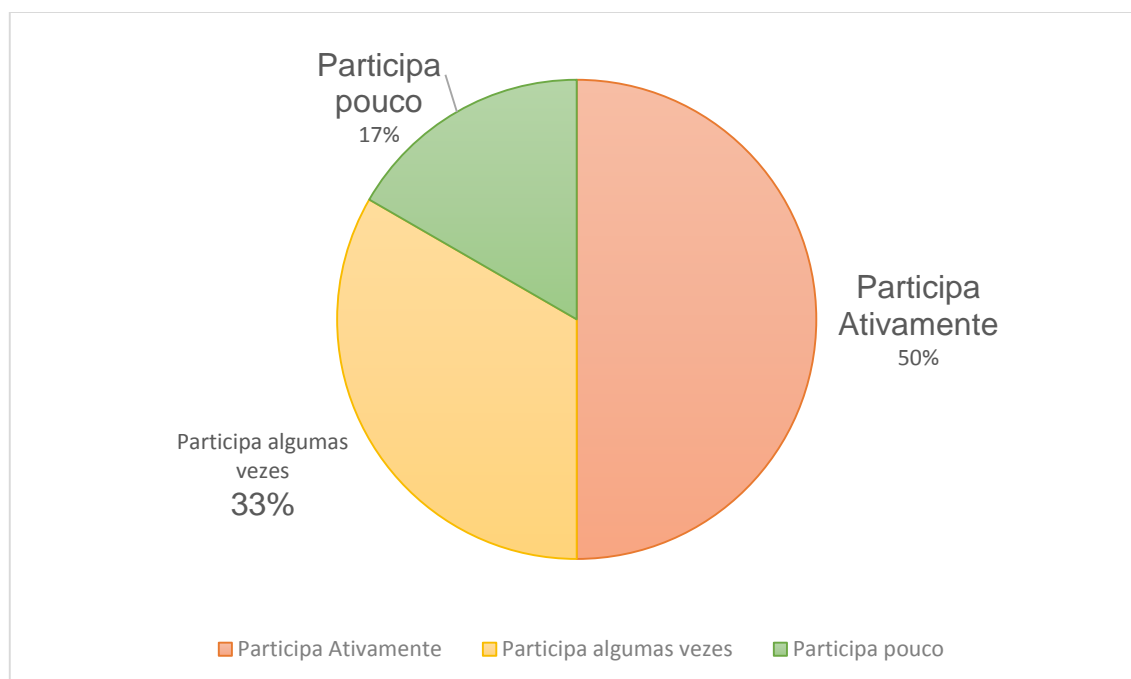
o processo. Neste momento o papel da escola é fundamental, pois a escola precisa encontrar outras formas de envolver a família e também dar uma orientação a respeito formas dos pais contribuírem com a vida escolar das crianças.

A questão 03 pergunta a profissão do responsável. Podemos verificar que as profissões variam bastante. Temos pais que são servidores públicos, operador de caixa, manicure, mestre de obra, empresários, entre outros. Podemos perceber que na maioria das profissões, os pais trabalham mais de oito horas diárias, o que dificulta bastante a participação deles na vida escolar dos filho.

Quando perguntamos, na questão 07, quais motivos os impedem de participar da vida escolar dos filhos, os pais descreveram que o trabalho e as escalas de serviço atrapalham a participação deles nas reuniões escolares. Segundo a orientadora da escola, os pais possuem um acesso à escola bem flexível, podendo marcar horários até mesmo no horário de aula das crianças.

A comunicação entre a escola e a família podem desenvolver atitudes mais positivas dos pais para com a escola, principalmente quando ela é feita com frequência (Zenhas, 2006).

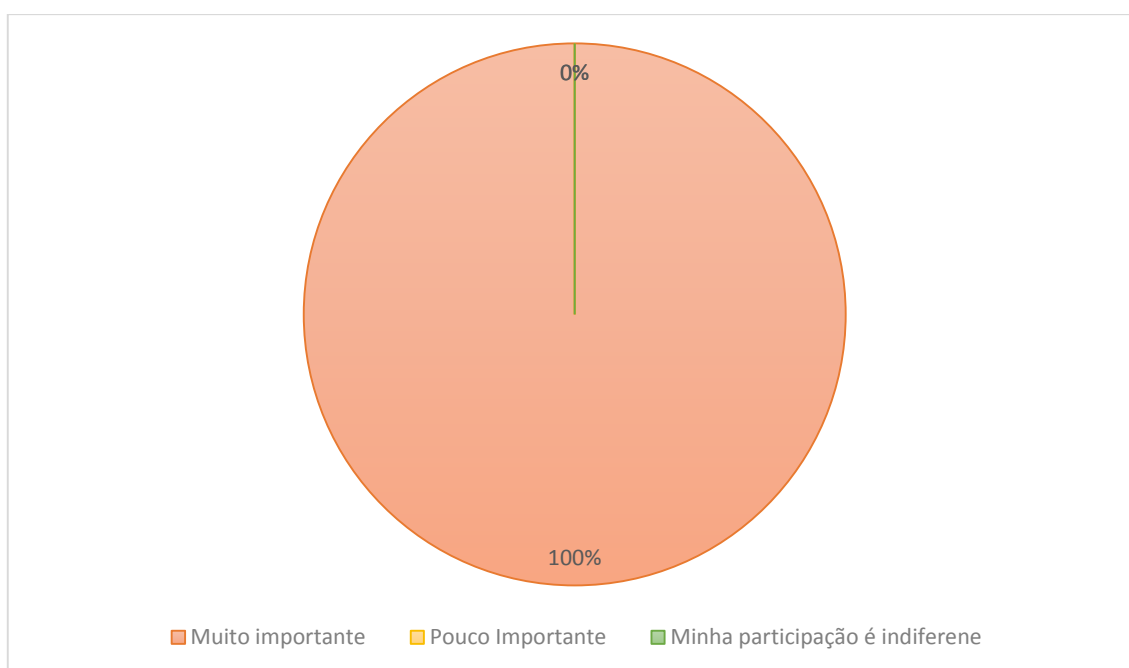
Figura 3 – Distribuição percentual da participação dos pais responsáveis nas atividades da escola.



Fonte: Questionário aplicado aos pais, pela aluna Sâmyla Barbosa Barrozo

Em relação à participação dos pais nos eventos e reuniões que a escola realiza na questão 04, conforme a Figura 3 acima apresenta que 50% dos pais afirmaram que participam ativamente, 33% participa algumas vezes e 17% participa pouco. Vale destacar que os pais que participam pouco descreveram na questão 07 que o trabalho e as escalas atrapalham essa participação. Conforme Zenhas (2006), a incompatibilidade de horários por causa do trabalho é uma das barreiras que atrapalham a participação dos pais nas escolas.

Figura 4 – Distribuição percentual da importância atribuída pelos pais/responsáveis à participação nas atividades da escola.

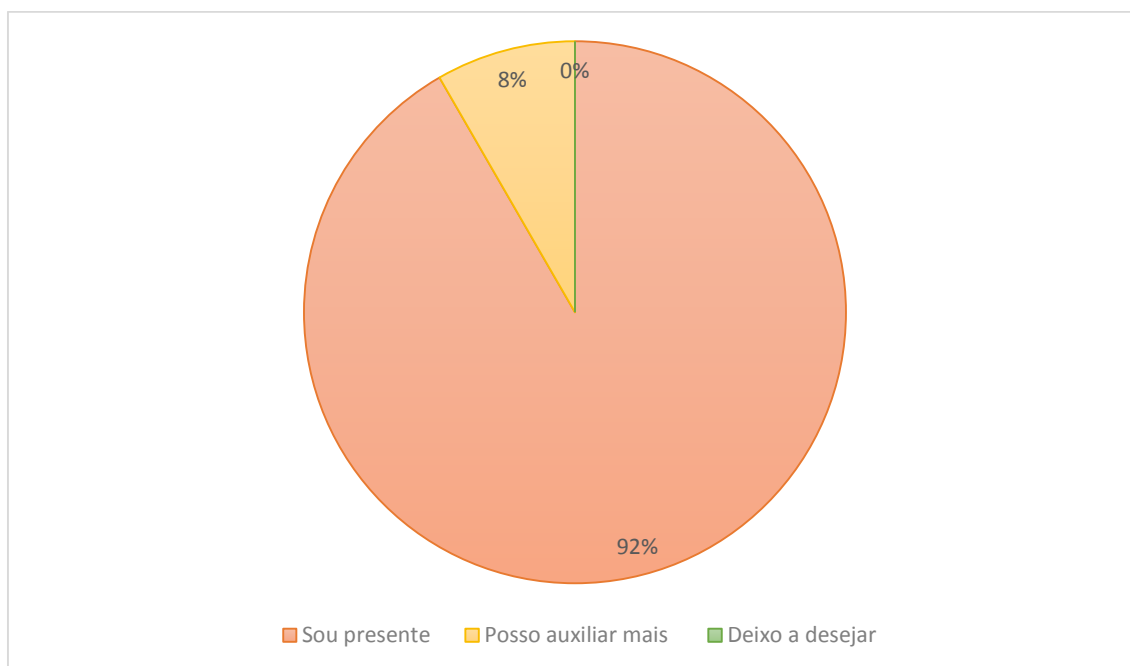


Fonte: Questionário aplicado aos pais, pela aluna Sâmyla Barbosa Barrozo

A questão 05 conforme a Figura 4 versa a respeito do nível de importância para os pais de sua participação nas reuniões de pais e mestres, a fim de saber como está o seu filho na escola. Todos, 100% dos pais consideram muito importante participar das reuniões. Podemos verificar que essas reuniões ainda são valorizadas pelos pais, pois saber do rendimento e como está sendo o desenvolvimento da criança é uma forma de valorizar todo esforço dela, e é uma das formas de ter um contato mais direto com a escola. Essa questão pode ser afirmada na tipologia proposta por Epstein que engloba os tipos de envolvimento entre os contextos familiar e escolar conforme foi citado no Capítulo anterior por Polonia e Dessen (2005):

Tipo 3. Envolvimento dos pais em atividades de colaboração, na escola. Refere-se à como os pais trabalham com a equipe da direção no que concerne ao funcionamento da escola como um todo, isto é, em programações, reuniões, gincanas, eventos culturais, atividades extra-curriculares etc.. (p. 307)

Figura 5 - Distribuição percentual a respeito da participação dos pais nas atividades escolares dos filhos.



Fonte: Questionário aplicado aos pais, pela aluna Sâmyla Barbosa Barrozo

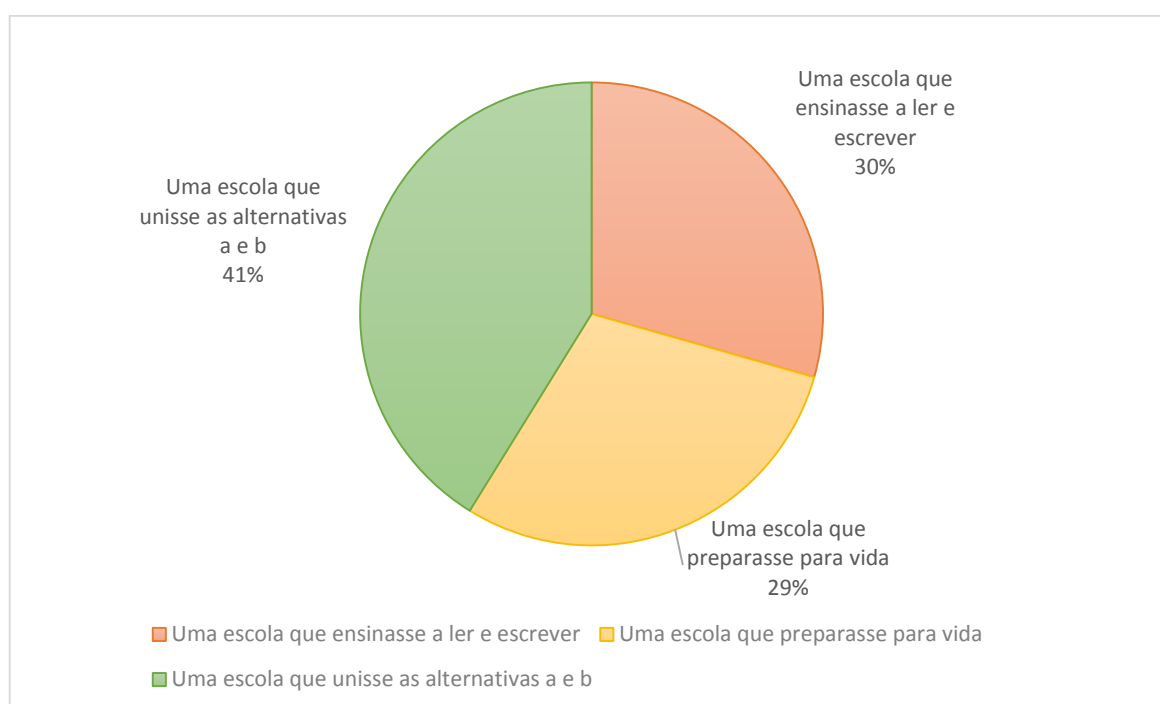
A colaboração da família na aprendizagem também pode estar presente no envolvimento dos pais com as crianças em casa. Um exemplo é o dever de casa que nem sempre é visto com bons olhos pelos pais por levar um tempo para auxiliar os filhos nesta tarefa. Na pesquisa, 92% dos pais diz que é presente neste processo e 8% diz que poderia auxiliar mais neste processo. Este envolvimento deve ser sempre mantido pelos pais, pois é uma forma de incentivo para que a criança se desenvolva mais e mais.

Muitos pais procuram a orientadora para saber como auxiliar as crianças no dever de casa. Alguns queriam entender um pouco mais do processo para poder reforçar os aprendizados na escola em casa. Segundo ela, é muito importante que os pais busquem essa orientação, pois já houve casos de alunos que na escola recebiam uma orientação e em casa recebiam uma informação diferente. Então a criança estava sendo prejudicada. Soares (2004) adverte que: “O envolvimento dos pais na vida acadêmica dos filhos é um aspecto que deve ser incentivado porque pode promover

condições favorecedoras para a aprendizagem. É necessário descrever quais atitudes os pais devem tomar para auxiliarem seus filhos a realizar tais tarefas.” (p.255)

Segundo Polonia e Dessen (2005) “a escola deve visar não apenas a apreensão de conteúdo, mas ir além, buscando a formação de um cidadão inserido, crítico e agente de transformação, já que é um espaço privilegiado para o desenvolvimento das ideias, ideais, crenças e valores.” (p.304)

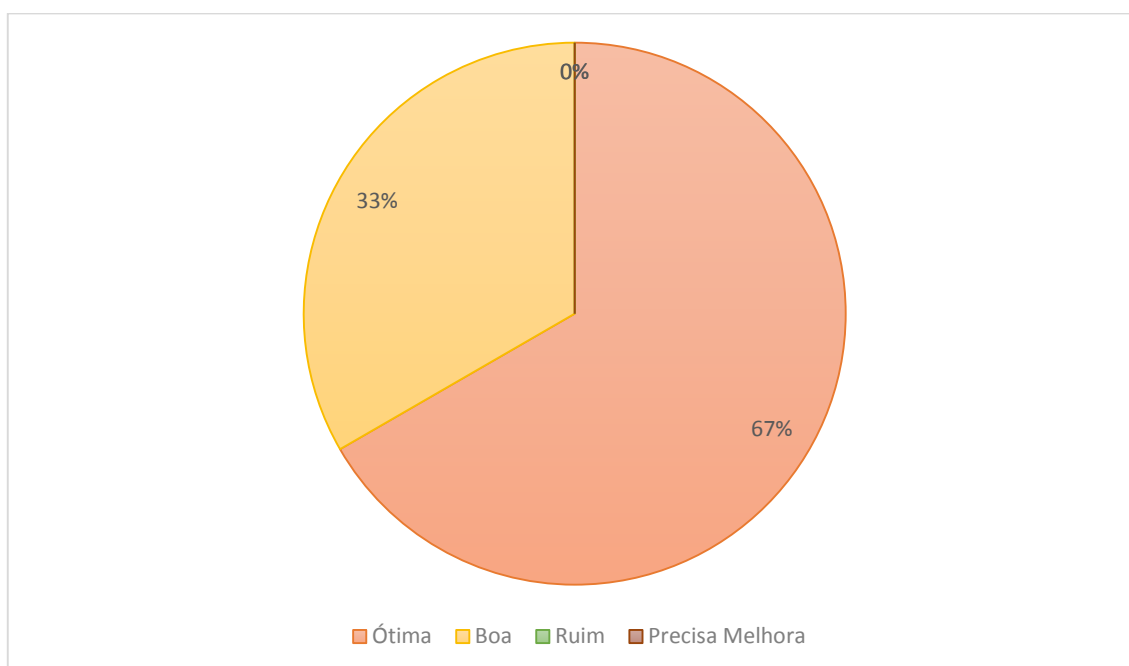
Figura 6 – Distribuição percentual do tipo de escola que os pais/responsáveis gostariam para seu filho.



Fonte: Questionário aplicado aos pais, pela aluna Sâmyla Barbosa Barrozo

O tipo de escola que os pais escolhem para seu filho define a forma de ensino que ele deseja. A questão 08 pergunta o tipo de escola que você deseja para seu filho demonstrou muito bem isso, 41% dos pais escolheram uma escola que unisse o ensino e o preparo para vida, 30% uma escola que ensinasse a ler e escrever e 29% uma que preparasse o aluno para vida. A escola é a união dos dois, pois ela busca formar cidadãos.

Figura 7 – Distribuição percentual da avaliação dos pais às atividades escolares.



Fonte: Questionário aplicado aos pais, pela aluna Sâmyla Barbosa Barrozo

Quanto a organização dos recados, eventos, entrada e saída da escola, os pais fizeram uma boa avaliação conforme o gráfico acima, sendo que 67% considera ótima a organização e 33% considera boa, com base nesses dados podemos considerar a escola desenvolve um trabalho positivo em relação a família, que a comunicação pode até ter suas interferências mas está fluindo de uma forma positiva.

A questão 10 demandava que os pais dessem sugestões de formas que a escola poderia utilizar para promover uma maior aproximação entre a família e a escola, metade dos pais se declaram satisfeitos ou não quiseram dar sugestões, a outra metade sugeriu festas nas datas comemorativas, palestras, eventos e sociais fora do ambiente escolar.

Promover eventos para uma maior socialização entre a família e a escola traz consequências positivas, para uma melhora na relação. Promover eventos que levem a família a uma compreensão mais profunda do que é a educação, que possam despertar nos pais uma reponsabilidade sobre a aprendizagem do filho, facilitaria cada vez mais o processo de interação entre os dois, trazendo aos alunos um ganho considerável.

[...] compreensão dos pais sobre a escola e a educação em geral, realização de reuniões conjuntas, com oportunidades para os pais falarem do seu papel

e de si mesmos, promoção de encontros específicos, com o objetivo de ajudar pais e professores, em momentos críticos, favorecimento de troca de informações entre professores e pais, abertura de canais de comunicação entre a escola e a família, beneficiando os alunos, dentre outros, como resultados desta integração. (POLONIA E DESSEN, 2005, p.305)

A entrevista qualitativa foi realizada com orientadora educacional, foi a partir de perguntas estruturadas.

No início da entrevista estava sendo gravada, mas a entrevistada não estava se sentindo à vontade, então para obter informações de uma forma mais espontânea, desliguei o gravador. O que me chamou mais a atenção foi que durante a entrevista, a orientadora iniciava as suas repostas a partir de exemplos do dia a dia, para facilitar a compreensão das respostas.

Uma das perguntas era se ela considerava importante a participação da família na escola. A resposta foi “Sim, por que a partir do momento em que a escola tem comunicação direta com a família se torna mais fácil trabalhar em conjunto para sanar as dificuldades e necessidades da criança.” Como já foi exposto anteriormente o diálogo entre a família e a escola facilita a identificação do problema dos alunos, facilitando o processo para resolução.

Uma questão que está atrapalhando o diálogo entre a família e a escola é a queixa de que as relações intrafamiliares podem atrapalhar. Às vezes, os pais não assumem o seu papel na educação e ficam um responsabilizando o outro pela ausência. Os avós, quando são cobrados a tomar determinadas decisões em relação ao aluno, tendem a fugir das responsabilidades.

De acordo com a entrevistada, a participação dos pais nas reuniões não é 100%. Muitos pais não estão atribuindo o verdadeiro valor à sua participação na escola, principalmente nas reuniões de pais que são um momento de troca de informações sobre o desenvolvimento e o aprendizado do aluno.

Vale destacar que a presença diária da família às vezes pode ser prejudicial à criança pois, infelizmente, alguns pais não sabem como lidar com as necessidades do aluno e punem a criança severamente, trazendo traumas e, conseqüentemente, afetam a sua aprendizagem.

De acordo com Szymanski (2010) “[...] as famílias têm de dar acolhimento a seus filhos: um ambiente estável, provedor, amoroso” (p.99). Com base na

entrevista, o ambiente que a família oferece para criança influencia muito no processo de aprendizagem da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização da pesquisa foi possível perceber a que a relação entre a e família – escola ainda precisa ser fortalecida cada vez mais. A família precisa se reconhecer no processo de aprendizagem da criança. Lembrando que não é uma responsabilidade exclusiva da escola, educar.

Perceber como a família se vê no processo de escolarização nos mostra que cada vez mais ela precisa se abrir, para ter uma relação positiva com a escola. A escola também precisa estar aberta e criar formas de aproximar a família. A partir dessa aproximação a criança vai se sentir valorizada e com isso o seu desempenho escolar pode melhorar cada vez mais.

Importante reconhecer que o diálogo é a chave para o desenvolvimento de uma relação sadia, que todos precisamos ceder um pouco para que a educação possa acontecer da melhor forma. Isso nos leva a uma nova forma de reconhecer as nossas responsabilidades com a educação.

Valorizar a família neste processo é muito importante. A base “família” influencia bastante, por isso, criar a criança em um lar tranquilo, lhe oferecendo o suporte para um bom desenvolvimento, contribui cada vez mais para que a criança tenha uma vida escolar melhor. Assim demonstra -se que a escola está interessada em construir bases sólidas com a família.

Propor formas de como burlar a questão da falta de tempo, que foi uma das barreiras mais visíveis que atrapalham essa relação é muito válida. Assim podemos fazer uso das novas tecnologias com ferramentas para facilitação desse diálogo. A relação entre a família e a escola pode sim dar certo quando as duas instituições possuem os mesmos objetivos e estão dispostas a crescerem juntas para oferecerem uma educação com qualidade e respeito.

PARTE III - PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Enfim chegou o fim de mais um ciclo. Durante todo o meu percurso acadêmico eu só tinha uma perspectiva passar em um concurso público, ser professora no ensino infantil em nenhum momento fez parte dos meus planos, mas depois que eu fiz um estágio em uma escola despertou um lado que eu não imaginava que existia, ser professora é incrível o cada dia é uma surpresa diferente. E perceber a importância dos pais neste processo, me fez acreditar que mudanças podem acontecer, só basta fazermos a nossa parte.

Educar é um desafio que exigem muito do educador, pois precisamos respeitar a subjetividade de cada educando e também de suas famílias, assim trabalhar em grupo nos levar a processo de adaptação para que todos possam ser acolhidos da mesma forma.

Segundo Freire (1999) “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem.” (p.86). Descobri que posso fazer a diferença na vida dessas crianças. Mesmo que seja uma gota no meio do oceano.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. História Social da criança e da família. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Guanabara. 1973

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. Conheça Santa Maria RA XIII – Acessado em 06 de novembro de 2015. Disponível em < <http://www.santamaria.df.gov.br/sobre-a-secretaria/conheca-nome-ra-ra-xix.html>>

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. A criança na família e na sociedade. Petrópolis, Vozes, 1985.

CAIADO, Helen Campos. A importância da parceria família-escola. Acessado em 27 de outubro de 2015. Disponível em < <http://educador.brasilecola.com/sugestoes-pais-professores/a-importancia-parceriafamilia-escola.htm>>

CARRARA, Kester [et al.]. Introdução à psicologia da educação: seis abordagens. São Paulo : Avercamp, 2004.

COLUS, Fátima Aparecida Maglio & LIMA, Rita de Cássia Pereira. Olhar de professor. Ponta Grossa, 10(1): 195-208, 2007. Acessado em 29 de outubro de 2015. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>

GADOTTI, Moacir. Reinventando Paulo Freire na Escola do Século XXI. São Paulo: USP; IPF, 2008. Acesso em 29 de outubro de 2015. Disponível em:<http://www.isecure.com.br/anpae/342.pdf>.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1989

GOMES, C. P.; SILVA, P. A.; PESSINI, M. A. A nova configuração familiar: a família contemporânea usuária das políticas públicas. *Akrópolis Umuarama*, v. 19, n. 2, p. 101-114, abr./jun. 2011.

OLIVEIRA, C. B. E. de; ARAUJO, C. M. M. A relação família-escola: intersecções e desafios. *Estudos de psicologia*, Campinas, v. 27, n. 1, 2010, p. 98-108. Acessado em 29 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100012&lang=pt>

OSORIO, Luiz Carlos. *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PALANGANA, Isilda Campaner. *Desenvolvimento & Aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância sócia* – 2. Ed. – São Paulo: Plexus Editora, 1998.

PIAGET, Jean. *Para onde vai à educação?* Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

POLONIA, Ana da Costa. DESSEN, Maria Auxiliadora. *Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola*. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2005.

POLONIA, Ana da Costa. DESSEN, Maria Auxiliadora. *A escola e a família como contexto de desenvolvimento humano*. 2007.

SOARES, M.R.Z.[et. al.]. - ENVOLVIMENTO DOS PAIS: INCENTIVO À HABILIDADE DE ESTUDO EM CRIANÇAS. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v.21, n.3, p.253-260, setembro/dezembro 2004.

TIBA, Içami. *Disciplina: limite na medida certa* – São Paulo: Integrare Editora, 2013.

SZYMANSKI, Heloisa. *A relação família/escola: desafios e perspectivas*. – Brasília: Liber Livro, 2010.

ZENHAS, Armanda. O papel do director de turma na colaboração escola-família. Porto – Portugal 2006.

WREGGE, Iara Abreu [et al.]. Família e aprendizagem: uma relação necessária. 3. Ed. – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2011.

ANEXOS